

# MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS NA PAN-AMAZÔNIA: AVANÇOS E DESAFÍOS DE PESQUISA<sup>1</sup>

## MIGRACIONES INTERNACIONALES CONTEMPORÂNEAS EN LA PANAMAZONÍA: AVANCES Y DESAFÍOS DE INVESTIGACIÓN

### CONTEMPORARY INTERNATIONAL MIGRATION IN THE PAN-AMAZON REGION: ADVANCES AND CHALLENGES OF RESEARCH

Por LUIS E. ARAGÓN<sup>2</sup>

#### Resumo

Neste início de século e milênio, a migração internacional tornou-se um fenômeno de relevância mundial. Novos destinos estão se desenhando na medida em que fronteiras são fechadas, a xenofobia cresce, a violência e o terrorismo aumentam, os conflitos políticos se espalham, os desastres ambientais se intensificam, e países tradicionalmente de imigração invertem seus fluxos. Contudo e apesar da importância que a migração internacional alcançou na mídia e na academia no mundo inteiro, esse fenômeno é praticamente ignorado na Amazônia. Este *paper* revisa alguns dos estudos que tratam da migração internacional contemporânea na Pan-Amazônia, os quais permitem identificar o processo, destacar os itens mais importantes que demandam pesquisa mais aprofundada, e apontar a necessidade de incorporar a migração internacional em políticas de desenvolvimento e integração regional.

**Palavras-chave:** Pan-Amazônia. Migração internacional. Remessas. Retorno. Fronteira.

---

<sup>1</sup> O conteúdo deste *paper* é sintetizado principalmente das publicações de Aragón (2009, 2014).

<sup>2</sup> Professor titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará. Pesquisador visitante na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), com bolsa do CNPq. E-mail: [luis.ed.aragon@hotmail.com](mailto:luis.ed.aragon@hotmail.com)

## Resumen

En este nuevo siglo y milenio, la migración internacional se ha convertido en un fenómeno de importancia mundial. Nuevos destinos se dibujan en la medida que las fronteras se cierran, la xenofobia crece, la violencia y el terrorismo aumentan, los conflictos políticos se propagan, los desastres ambientales se intensifican, y países tradicionalmente de inmigración invierten sus flujos. Sin embargo, a pesar de la importancia que la migración internacional alcanzó en los medios de comunicación y en la academia en todo el mundo, este fenómeno es virtualmente ignorado en la Amazonía. Este artículo revisa algunos de los estudios que se ocupan de la migración internacional contemporánea en la Panamazonía, lo que permite identificar el proceso, poner de relieve los elementos más importantes que requieren investigación más profunda, y señalar la necesidad de incorporar la migración internacional en las políticas de desarrollo y de integración regional.

**Palabras clave:** Panamazonía. Migración internacional. Remesas. Regreso. Frontera.

## Abstract

At the beginning of the century and millennium, international migration has become a phenomenon of global importance. New routes are identified as borders are closed, xenophobia grows, violence and terrorism escalate, political conflicts spread, environmental disasters intensify, and traditionally immigration countries reverse their flows. However, despite the importance of international migration in the media and academia worldwide, this phenomenon is practically ignored in the Amazon. This paper reviews some of the studies that deal with contemporary international migration in the Pan-Amazon region, which identify the process, highlight the most important items that require further research, and point out the need to incorporate international migration into development and regional integration policies.

**Keywords:** Pan-Amazon. International migration. Remittances. Return. Frontier.

## INTRODUÇÃO

Neste início de século e milênio, a migração internacional tornou-se um fenômeno de relevância mundial. A mídia encarregou-se de transmitir em tempo real e de forma alarmante o drama dos migrantes e refugiados ao redor do mundo. A Organização Internacional para as Migrações (IOM, 2017) estima para 2015, 244 milhões de pessoas residindo fora de seu país de nascimento, o que representaria aproximadamente 3% da população mundial, e algumas previsões destacam que a população migrante internacional poderia chegar a um bilhão de pessoas ao final do presente século (HILY, 2003).

Novos destinos estão se desenhando na medida em que fronteiras são fechadas, a xenofobia cresce, a violência e o terrorismo aumentam, os conflitos políticos se espalham, os desastres ambientais se intensificam, e países tradicionalmente de imigração invertem seus fluxos. Segundo a IOM (2017) a migração Sul-Sul, ou entre

países em desenvolvimento, continua a crescer em relação ao fluxo tradicional Sul-Norte: em 2015, 90,2 milhões de pessoas nascidas em países do Sul residiam noutros países do Sul, enquanto 85,3 milhões nascidas no Sul residiam no Norte.

Contudo e apesar da importância que a migração internacional alcançou na mídia e na academia no mundo inteiro, esse fenômeno é praticamente ignorado na Amazônia. Este *paper* revisa alguns dos estudos que tratam da migração internacional contemporânea na Pan-Amazônia, os quais permitem identificar o processo, destacar os itens mais importantes que demandam pesquisa mais aprofundada, e apontar a necessidade de incorporar a migração internacional em políticas de desenvolvimento e integração regional.

## INTRODUÇÃO A GRANDE AMAZÔNIA OU PAN-AMAZÔNIA

A Amazônia tem, hoje, como outrora, múltiplos significados; tornou-se um conceito polissêmico e cada um a define conforme seus próprios interesses (ARAGÓN, 2013). Do ponto de vista regional o termo Amazônia refere-se

à maior selva tropical úmida do planeta, localizada ao norte da América do Sul, à bacia hidrográfica do rio Amazonas, às nações que têm território nestas áreas, aos estados que promovem, através de ações conjuntas, o planejamento do desenvolvimento sustentável da Amazônia para preservar o meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais, aos limites artificiais de conveniência político-administrativa para a aplicação de incentivos fiscais em territórios determinados, aos povos que a habitam, e a sua fauna terrestre e aquática [...] Dessa forma pode-se afirmar que existem varias amazônias as quais conformam uma grande região, onde cada uma tem uma distribuição regional diferente (GUTIÉRREZ REY; ACOSTA MUÑOZ; SALAZAR CARDONA, 2004, p. 21).

Estudos de pesquisadores dos países que compartilham a região, realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Meio Ambiente, População e Desenvolvimento da Amazônia (MAPAZ) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), na base da divisão administrativa (municípios ou equivalentes) utilizada pelos censos de cada país, permitiram definir a área da Pan-Amazônia para fins de intervenção ou implementação de políticas públicas, e estimar sua população (ARAGÓN, 2005).

Segundo essa definição, a Pan-Amazônia abarca aproximadamente sete milhões e meio de km<sup>2</sup>. Oito países e um departamento francês compartilham o território da Pan-Amazônia<sup>3</sup>: Brasil (67,98%), Peru (10,14%), Colômbia (6,40%), Equador (1,55%), Bolívia (5,31%), Venezuela (2,45%), Guiana (2,87%), Suriname (2,18%) e Guiana Francesa (1,12%) (Tabela 1, Figura 1).

<sup>3</sup> Do Carmo e Jakob (2009, p. 206) recomendam que “para facilitar uma comparabilidade com as divisões oficiais do país, e em vista de que a adição dos 37 municípios a leste do meridiano 44 graus, não altera em nada as análises”, se inclua na definição da Amazônia Legal a totalidade do estado do Maranhão. Neste estudo, portanto, a Amazônia Legal é composta pela totalidade dos estados de Acre, Rondônia, Mato Grosso, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá, Tocantins e Maranhão. Na Amazônia colombiana incluem-se municípios e *corregimientos*.

Com referência à população, a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) estima a população total da região em 38.777.600 pessoas em 2005 (PNUMA/OTCA, 2008). Conforme os últimos censos, apesar deles serem realizados em anos diferentes, a população alcança 34.205.602 para a área definida na Figura 1. A população está distribuída em mais de 1.200 municípios ou áreas similares, mas está concentrada na Amazônia brasileira (74,48%) e na Amazônia peruana (13,37%).

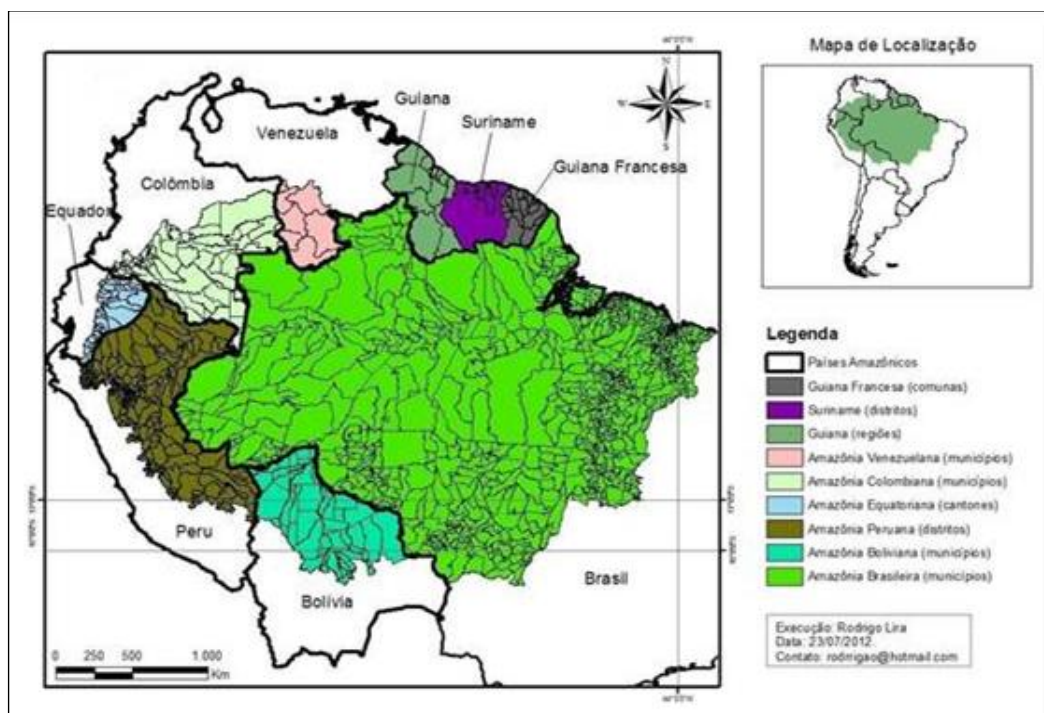
**Tabela 1** - Área e população dos países amazônicos e da Amazônia conforme os últimos censos

País	Ano do censo	Área do país	Área da Amazônia			População do país	População da Amazônia		
			Absoluta	% do país	% da região		Absoluta	% do país	% da região
Bolívia	2012	1098581	398000	36,23	5,31	10059856	981441	9,76	2,87
Peru	2007	1285215	759057	59,06	10,14	27412157	4574375	16,69	13,37
Equador	2010	256730	115745	45,08	1,55	14483499	739814	5,11	2,16
Colômbia	2005	1138906	477274	41,91	6,40	41468384	747267	1,80	2,18
Venezuela	2011	912046	183500	20,12	2,45	27227930	146480	0,54	0,43
Guiana	2012	214999	214999	100,00	2,87	747884	747884	100,00	2,19
Suriname	2012	163470	163470	100,00	2,18	541638	541638	100,00	1,58
Guiana Francesa	2014	84000	84000	100,00	1,12	252338	252338	100,00	0,74
Brasil	2010	8514876	5088666	59,76	67,98	190755799	25474365	13,35	74,48
Total		13668823	7484711	53,63	100,00	312987649	34205602	10,93	100,00

Fonte: o autor, 2017.

Nota: dados extraídos do Censo de cada país.

Figura 1 - Divisão político-administrativa da Amazônia para fins de intervenção



Fonte: Aragón (2013, p. 44).

**Nota:** Na Amazônia colombiana incluem-se municípios e *corregimientos*. Na Amazônia Legal (Brasil), inclui-se a totalidade do estado do Maranhão.

Hoje, porém, a globalização levou o conceito da Amazônia além-fronteiras convertendo-a numa marca ou representação simbólica “institucionalizada por parâmetros socioeconômicos e culturais publicizados em escala mundial pelo campo da comunicação” (AMARAL FILHO, 2008, p. 16). Para Amaral Filho (2008), a Amazônia, ao converter-se em marca, passa a se constituir em múltiplos produtos que, além de sua existência material, incorpora o valor simbólico que a palavra Amazônia contém (oxigênio, água, floresta, índios, sustentabilidade ambiental etc.), a qual agrega valor e lucro econômico a esses produtos.

Certamente a questão amazônica alcançou os mais importantes foros políticos e científicos do mundo, colocando a região no centro dos mais diversos interesses, fato que gera novos questionamentos e demanda novas ações, como bem o demonstram os estudos de Palacio e Wakild (2016), Pinto, Amim e Silva (2016) e Borges e Domingues (2016), entre outros. A migração internacional é um desses novos assuntos.

## MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

Quantificar a migração internacional recente na Amazônia não é assunto fácil. Segundo Silva (2011) e Aragón (2014), somente no estado do Amazonas, na Amazônia brasileira, a Pastoral do Migrante estimava a presença de 40 mil estrangeiros em 2000, e a Polícia Federal apontava 12.638 em 2008 e 15.369 em 2010. E o número de

haitianos que entraram via Acre passavam de 37.000 até dezembro de 2015 (MAMED, 2016, p. 73). Reportagens sobre a entrada recente de venezuelanos em Roraima, fugindo da situação política nesse país, indicam que, somando o número de protocolos de pedido de refúgio na sede da Polícia Federal em Boa Vista (Roraima) desde 2016 e os que aguardam atenção, chega a mais de 10.000 pessoas (TOLEDO; VERPA, 2017), ainda que o número total de entradas de venezuelanos no Estado seja muito maior, chegando, segundo o professor Gustavo da Frota Simões, da Universidade Federal de Roraima, a 30.000 em 2016 (SIMÕES, 2017).

Calcular a migração internacional na Amazônia toda, portanto, torna-se ainda mais difícil, pela escassez de dados e diversidade de estimativas. Contudo, utilizando os censos mais recentes<sup>4</sup>, pode-se estimar em 180.000 o número de residentes na região nascidos no exterior, número certamente subestimado pelas limitações dos censos, como argumenta Aragón (2012). Mas, mesmo com essas limitações, as quais afetam principalmente o quantitativo, os censos permitem apontar “pistas” dos processos em curso, as quais poderão ser objeto de estudos específicos mais aprofundados. Nesse sentido, Patarra e Baeninger destacam que (2006, p. 84):

A importância do fenômeno migratório internacional reside hoje muito mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente em nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos em deslocamentos populacionais.

A migração internacional na Amazônia é afetada por processos políticos e socioeconômicos de cada país: na Colômbia, a luta contra a guerrilha e o narcotráfico (SANDINO, 2009) e, atualmente, pela expectativa de políticas e ações pós-conflito após a assinatura do acordo de paz entre o governo colombiano e as Forças Revolucionárias da Colômbia (FARC) em 2016 (SALAZAR CARDONA, 2016); no Equador, a exploração de petróleo e a presença de grande número de colombianos na região, muitos deles antigos *desplazados*<sup>5</sup> pelas FARC (GALLARDO LEÓN; PÉREZ MOGOLLÓN; CAICEDO, 2009; RUIZ, 2016); no Peru, a exploração de petróleo e a abertura da Amazônia para grandes concessões a multinacionais (LIMACHI HUALLPA, 2009; DOUROJEANNI; BARANDIARÁN; DOUROJENNI, 2009; SERRA VEGA, 2016); na Bolívia, a presença de elevado número de brasileiros na região envolvidos principalmente em agricultura ao longo da fronteira (VARGAS BONILLA, 2007; 2009, 2016; MARTÍNEZ MONTAÑO, 2013; 2016); na Venezuela, a elevada presença de colombianos na Amazônia, a exploração de ouro nos garimpos da região, praticada em grande medida por brasileiros (FREITEZ, 2005; 2007; ARAGÓN, 2009) e a crise política e econômica que vive atualmente o país; na Guiana e no Suriname, a grande presença de brasileiros nos garimpos de ouro, as altas taxas de emigração e as volumosas remessas recebidas do exterior (CORBIN, 2012a; CORBIN; ARAGÓN, 2015; JUBITHANA-FERNAND, 2009; 2013; OLIVEIRA, 2008; 2012); na Guiana Francesa, o alto crescimento demográfico, a atração migratória que exerce a exploração de ouro e o fato

---

<sup>4</sup> Os últimos censos dos países amazônicos foram realizados em 2005 (Colômbia), 2007 (Peru), 2010 (Brasil e Equador), 2011 (Venezuela), 2012 (Bolívia, Guiana e Suriname), 2014 (França/Guiana Francesa).

<sup>5</sup> *Desplazados* são pessoas forçadas a deixar seus lares fugindo da violência produzida pelo conflito armado que se desenrolava na Colômbia e no Peru.

de ser um departamento francês (ARAGÓN, 2009; PINTO, 2009); e no Brasil, as contínuas alterações dos planos de desenvolvimento com o intuito de desenvolver a região e integrá-la física e economicamente ao país (CASTRO, 2016, entre outros).

A Amazônia brasileira acolhe principalmente bolivianos e peruanos (LIRA; QUIROGA, 2016; JAKOB, 2016) e a Amazônia boliviana concentra principalmente brasileiros e peruanos (VARGAS BONILLA, 2009; 2016). A Amazônia peruana recebe principalmente brasileiros e colombianos, mas também alguns americanos e europeus, envolvidos com a exploração de petróleo abundante na região (LIMACHI HUALLPA, 2009). Equador não faz fronteira com o Brasil, e carrega tradição de desavenças políticas com Peru. A Amazônia equatoriana acolhe poucos migrantes desses países e a recíproca é também verdadeira, enquanto que concentra na sua Amazônia grande proporção de colombianos, localizados principalmente na província de Sucumbios, que faz fronteira com a Colômbia (GALLARDO LEÓN; PÉREZ MOGOLLÓN; CAICEDO, 2009), e no lado colombiano, há também um certo número de equatorianos, localizados sobretudo no departamento de Putumayo, que limita com a província equatoriana de Sucumbios, ainda que a Amazônia colombiana receba majoritariamente peruanos e brasileiros, localizados principalmente na tríplice fronteira Colômbia/Peru/Brasil (Letícia) (SANDINO, 2009). A Amazônia colombiana recebe poucos venezuelanos, mas os imigrantes na Amazônia venezuelana são na sua maioria colombianos e brasileiros (ARAGÓN, 2009). A migração de colombianos à Venezuela é histórica e a Amazônia desse país não foge à regra. Ultimamente, entretanto, o fluxo de migração com o destino Venezuela inverteu-se, afetando, provavelmente o fluxo de colombianos para a Amazônia venezuelana.

Os dados dos censos também revelam traços da história migratória da Amazônia. Por exemplo, na Guiana, há imigrantes que nasceram na Índia e na China; no Suriname, na Holanda; e na Amazônia brasileira aparecem imigrantes nascidos em Japão, Itália, Espanha e Portugal (ARAGÓN, 2009).

Na base de informações sobre membros de domicílios residindo no exterior, os censos do Peru (2007) e do Equador (2001) permitiram identificar seus países de destino. Em nível nacional, nos dois casos, os países preferidos de destino foram Espanha, Itália, e Estados Unidos. Na Amazônia, também nos dois casos, os fluxos de emigração seguem o padrão nacional, mas a emigração da província de Sucumbios no Equador, que faz fronteira com a Colômbia, se dirige principalmente para este país. O impacto das remessas na Amazônia desses dois países, enviadas por residentes no exterior, se refletem nas melhorias dos domicílios que têm membros morando no exterior em relação aos demais (LIMACHI HUALLPA, 2009; GALLARDO LEÓN; PÉREZ MOGOLLÓN; CAICEDO, 2009).

Guiana e Suriname sofrem enormemente da fuga de profissionais, principalmente para Estados Unidos, Europa e países do Caribe (BYNOE; BRISTOL, 2009; CORBIN, 2009; CORBIN; ARAGÓN, 2015; JUBITHANA-FERNAND, 2009). A emigração da população qualificada da Guiana é considerada uma das mais elevadas do mundo. Corbin e Aragón (2015) documentam que, em 1990, 70% dos indivíduos com mais de 13 anos de escolaridade saíram do país, só para Estados Unidos, e durante 1965-2000, cerca de 43% dos trabalhadores do

país com ensino secundário e 89% com educação superior migraram para países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

No caso do Suriname, no ano da independência do país (1975), cerca de 40 mil pessoas (10,48% da população total) emigrou para Holanda, com medo de represálias. Entre 1972 e 2005, o saldo migratório foi negativo. Em 1980 houve um golpe militar, o que gerou uma segunda onda emigratória, ainda que menor do que a de 1975, principalmente por razões políticas. Em 1987 foi restaurada a democracia no país, embora de 1986 a 1990, o país tenha sido devastado por uma guerra civil, causando intensa migração interna e internacional. Somente a partir de 1994 a emigração apresentou sinais de declínio, mas o saldo migratório se torna positivo somente a partir de 2006, devido, em grande parte, à imigração de brasileiros atraídos pela febre do ouro. Em 2009 estimam-se cerca de 20.000 brasileiros no país, a maioria vivendo ilegalmente nas áreas de garimpo. Tradicionalmente a emigração e a imigração internacional ocorriam principalmente com a Holanda, mas a partir de 1999 os imigrantes de outras nacionalidades ultrapassaram os holandeses, e mais recentemente aumentou o número de brasileiros, chineses e guianeses, mesmo que a emigração se mantenha principalmente para Holanda, Antilhas Holandesas no Caribe, Guiana Francesa e Estados Unidos (JUBITHANA-FERNAND, 2009). Estima-se que residam na Holanda 310.000 surinameses (mais de 60% em relação à população do país) (HOOGBERGEN; KRUNJIT, 2004).

Já a Guiana Francesa apresenta processos bem distintos. Segundo o censo da França de 2014, esse departamento ultramarino tinha 252.338 habitantes. O território mantém, desde a década de 1960, altas taxas de crescimento demográfico, especialmente durante a década de 1980, quando chegou a 5,8% ao ano, devido principalmente ao elevado saldo migratório (ARAGÓN, 2013).

## AMAZÔNIA BRASILEIRA

A Amazônia Legal brasileira integra os estados de Acre, Rondônia, Mato Grosso, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins e Maranhão<sup>6</sup> e ocupa 59% do território nacional. De acordo com o censo de 2010, a Amazônia Legal brasileira alberga mais de 25 milhões de pessoas (13,35% do país), sendo 33.210 nascidos no exterior (migração acumulada), em mais de 75 países, destacando Bolívia, Peru, Japão, Portugal, Paraguai e Colômbia (LIRA; QUIROGA, 2016). Esses países de nascimento revelam correntes migratórias antigas como as dos japoneses, dos portugueses e dos italianos, mas também migração proveniente de países fronteiriços.

Outra característica da migração internacional na Amazônia brasileira é a distribuição espacial dos migrantes conforme a sua origem. Os migrantes provenientes do Peru se agrupam principalmente nos municípios ao longo da fronteira com esse país e nos maiores centros urbanos da região; os bolivianos ocupam quase que exclusivamente municípios fronteiriços de Acre, Rondônia e Mato Grosso; e os colombianos se situam

---

<sup>6</sup> No caso do Maranhão, mesmo que a definição da Amazônia Legal determine que faz parte somente a parte do Estado ao oeste do meridiano 44, para facilitar a agregação de dados, considerou-se todo o Estado. Esse procedimento não altera os resultados da análise.



em Tabatinga, cidade gêmea de Letícia, e em Manaus. Os migrantes procedentes da Venezuela e Guiana situam-se principalmente em Roraima e os do Suriname e da Guiana Francesa em Amapá e Pará. Finalmente, os migrantes com origem no Paraguai (que não é país amazônico) localizam-se principalmente nos estados do Mato Grosso e Rondônia, em municípios com alta concentração de população rural (CARMO; JAKOB, 2009; LOBO; STEFANI; SOUSA, 2005).

Como afirmávamos em 2009, a migração internacional na Amazônia brasileira passa por mudanças importantes no que se refere a seus padrões de origem, de distribuição e de seletividade. As melhorias dos transportes e condições de comunicação, os acordos bilaterais, os planos de cooperação internacional como os da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), e de integração física como a Iniciativa de Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) poderão acelerar este processo com desdobramentos significativos para o desenvolvimento da Amazônia brasileira e dos demais países (ARAGÓN, 2009).

Utilizando as informações sobre membros de domicílio morando no exterior, Lira e Quiroga (2016) conseguiram quantificar 59.597 emigrantes da Amazônia Legal, residindo em mais de 85 países, destacando nos cinco primeiros lugares: Espanha, Estados Unidos, Portugal, Bolívia e França. No total, 26,22% (15.608) dos emigrantes residiam nos países amazônicos (incluindo a Guiana Francesa).

Contudo, essas cifras sobre o número de emigrantes devem ser tomadas com cautela, pois elas dependem da capacidade dos informantes de registrar os membros de domicílios morando no exterior (informação indireta), e porque são excluídos aqueles emigrantes dos casos em que todos os membros do domicílio emigraram.

## MIGRAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA

Melhoria das vias de acesso, iniciativas de integração regional, acordos diplomáticos bilaterais e precária fiscalização são alguns dos fatores que fortalecem a migração transfronteiriça. No caso das fronteiras da Pan-Amazônia, os movimentos se dão de diversas formas, incluindo não só o prolongamento de processos migratórios internos, a presença irregular de garimpeiros brasileiros nas Guianas e as rotas do narcotráfico, mas também nichos de trabalho como os analisados por Rodrigues (2009) na tríplice fronteira de Brasil, Venezuela e Guiana.

Nesse contexto, como argumentam Patarra e Baeninger (2006, p. 99):

(...) espaços geográficos contíguos, o que chamamos de fronteiras transnacionais, vão constituindo pontos particularmente vulneráveis aos efeitos perversos da globalização e dos acordos comerciais sobre as condições de vida de grupos sociais envolvidos. Onde anteriormente observava-se a extensão de questões agrárias não resolvidas, hoje observa-se uma crescente vulnerabilidade, com maior insegurança em face dos efeitos paralelos das rotas do narcotráfico, do contrabando e dos

procedimentos ilícitos de lavagem de dinheiro e outras modalidades de corrupção que aí encontram seu nicho de ação.

Pinto (2009) e Rodrigues (2009) analisam processos de mobilidade transfronteiriça e condições de vida das pessoas envolvidas. Rodrigues (2009) estuda a fronteira roraimense com Venezuela e Guiana, detalhando os intercâmbios econômicos entre os três países e abordando questões sociais resultantes desses movimentos como o empoderamento das mulheres e os conflitos de identidades. Pinto (2009), por sua vez, analisa um quadro dramático da situação de brasileiros trabalhando ilegalmente na Guiana Francesa, apresentando as rotas mais frequentes seguidas pelos brasileiros, a rudeza das autoridades francesas face a esse fenômeno, os riscos que assumem os migrantes e os retornos compensadores ou não da aventura que significa penetrar e trabalhar ilegalmente nesse território francês.

Na Guiana e no Suriname, garimpeiros brasileiros têm desenvolvido estratégias migratórias que lhes permitem circular entre o Brasil e os lugares de exploração do ouro, assim como entre os garimpos das próprias Guianas, conforme são mais ou menos rígidos os controles das fronteiras (CORBIN, 2012b). Jubithana-Fernand (2009), por exemplo, documenta casos de garimpeiros brasileiros no Suriname expulsos pelas autoridades da Guiana Francesa, e Corbin (2009) encontrou brasileiros na Guiana rumo a garimpos do Suriname.

A migração transfronteiriça ocorre em pontos claramente identificados ao longo da fronteira brasileira, onde ela se torna especialmente porosa, como em Oiapoque (Amapá), Pacaraima e Bonfim (Roraima), Tabatinga (Amazonas) e Guajará-Mirim (Rondônia) (JAKOB, 2013; 2016). Esse processo pode envolver mudanças longas ou permanentes, mobilidade frequente de pessoas que se dirigem a outro país apenas para trabalhar ou se utilizar de melhores serviços; ou mudança de residência com constantes movimentos de ida e vinda ao país de origem. A participação da mulher nessa mobilidade transfronteiriça é especialmente destacada nos estudos de Oliveira (2008; 2012), Rodrigues (2006; 2009) e Rodrigues e Vasconcelos (2012). Deste processo participam também diversos grupos indígenas para os quais seus territórios estão divididos por fronteiras nacionais, e que se movimentam sem considerar essas fronteiras (BAINES, 2012; FAULHABER, 2012). Outros se mudam de forma permanente de país, mas seus direitos como povos indígenas não são respeitados no país de destino, que os considera simplesmente como estrangeiros (CRUZ, 2010).

## REMESSAS

Além da menção às remessas para familiares de emigrantes da Amazônia peruana e equatoriana realizada nos estudos de Limachi Huallpa (2009) e Gallardo León, Pérez Mogollón e Caicedo (2009), Corbin (2012a) elaborou tese de doutorado sobre esse assunto no caso da Guiana.

Segundo Corbin e Aragón (2015, p. 80),

A elevada diáspora de pessoal qualificado da Guiana traz como consequência a geração de vultosas remessas para as famílias dos emigrantes. O Banco Mundial registra que as remessas monetárias para Guiana dispararam, totalizando em 2013, US\$ 328 milhões (9% do PIB nacional), colocando ao país, na categoria dos 32 países do mundo em que as remessas representam 9% ou mais do seu Produto Interno Bruto (PIB); e ocupando na América Latina e Caribe (LAC), o sétimo lugar entre os países de economia mais dependente de remessas.

A essas remessas monetárias agregam-se as remessas não monetárias incluindo roupas, mercadorias diversas, eletrodomésticos, alimentos e outros itens, que contribuem para elevar a renda das famílias receptoras. Segundo Corbin (2012a), as remessas não monetárias representam 13% do volume total de remessas monetárias, ou seja, aproximadamente US\$40.040.000 anuais.

Contudo, afirmam Corbin e Aragón (2015, p. 85):

A ausência de arranjos institucionais no setor financeiro que facilitem aos receptores de remessas, o acesso a micro crédito para investimentos, e estimulem a poupança, reduz os impactos multiplicadores que as remessas poderiam ter para alavancar o desenvolvimento do país. Ao contrário, devido à baixa produtividade industrial aliada ao fato das remessas serem utilizadas principalmente para a obtenção de bens de consumo, os quais são importados, drenam, em última instância, os recursos das remessas para fora do país. Em 2011, os valores das remessas monetárias registradas no país praticamente igualaram os valores gastos com bens de consumo obtidos no país.

## MIGRAÇÃO DE RETORNO

Migração de retorno se define como a volta dos imigrantes de um determinado lugar para seu lugar de origem, geralmente, o lugar de nascimento, seja do exterior ou de outro lugar do mesmo país. Esse fenômeno, segundo Sayad (2000), define a própria condição do migrante, pois tal condição desaparece no momento que os indivíduos retornam fisicamente ao seu lugar de origem. Mas o retorno não envolve somente o aspecto físico da migração, já que ao retornar, o indivíduo encontra uma realidade transformada, não é a mesma que ele deixou quando saiu.

Em termos de mobilidade geográfica, a migração de retorno, especialmente o retorno internacional, chamou o interesse de diversos estudiosos a partir dos anos 1960; porém, apesar dos diversos estudos ao redor do mundo, não há uma única abordagem que consiga explicar satisfatoriamente este complexo fenômeno (CASSARINO, 2013; CAVALCANTI; PARELLA, 2013).

Em relação à migração de retorno na Amazônia, a literatura é praticamente inexistente. Existem trabalhos sobre o retorno internacional de brasileiros em nível nacional (GARCIA; SOARES, 2006; SIQUEIRA, 2009, 2010; FUSCO; SOUCHAUD, 2010) e para alguns lugares específicos como Governador Valadares (Minas Gerais) (SIQUEIRA, 2007; 2008).

As recentes crises econômicas nos países desenvolvidos têm estimulado o retorno de muitos migrantes a seus respectivos países, alguns com perspectivas de investir aqui suas economias, e outros para fugir do tratamento desigual recebido nos países de destino. Entre as consequências do retorno, além de aquecer a economia, introduzem-se inovações tecnológicas, melhora-se a qualidade de vida das comunidades, e ampliam-se as redes sociais (MARTINE, 2005). Para alguns, o retorno é o fechamento de um ciclo, emigrar, ganhar dinheiro e voltar; para outros, ele representa um círculo de contínuas idas e vindas, conforme as oportunidades econômicas o permitam. Os estudos existentes no Brasil centram as análises no retorno dos lugares de maior concentração de emigrantes, principalmente do Japão, Estados Unidos, Espanha, Portugal e Itália para o Centro-Sul do país e para as grandes cidades.

Porém, estudos sobre o retorno internacional para a Amazônia brasileira começam a aparecer em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), e fazendo parte de pelo menos um artigo (BARRA, 2015, SODRÉ, 2017, LIRA; QUIROGA, 2016).

Lira e Quiroga (2016), utilizando informações do censo de 2010 referentes aos nascidos nos municípios de residência no momento do censo que moraram por algum tempo no exterior (e que, portanto, retornaram ao município de nascimento), conseguiram quantificar o número de pessoas retornadas e identificar os países de procedência.

Tomando o critério de residência anterior, esses autores calcularam 9.957 pessoas na Amazônia brasileira retornando aos seus municípios de nascimento provenientes de mais de 40 países, destacando nos cinco primeiros lugares: Paraguai (1.926), Estados Unidos (1.877), Japão (1.114), Espanha (889) e Portugal (539). Dos países amazônicos (incluindo Guiana Francesa), retornaram 1.579 (15,86%). Tomando o critério de residência fixa (2005), o número de retornados se reduz a 8.118, e os cinco primeiros lugares passam a ser: Estados Unidos, Japão, Portugal, Espanha e Guiana Francesa.

Essas cifras permitiram a Lira e Quiroga (2016, p. 152-153) concluir que:

No caso dos brasileiros que retornaram a região amazônica, a migração fronteiriça não obteve grande destaque quanto à migração proveniente dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia (sobretudo Japão). Todavia, no conjunto dos principais fluxos, vários países fronteiriços ocupavam as 10 primeiras posições, indicando a necessidade de se compreender o porquê desse retorno e do quantitativo menor que o dos países Europeus, do Japão e dos Estados Unidos, principalmente nos últimos cinco anos.

Em resposta, poder-se-ia lançar a hipótese de que essas cifras podem ser reflexo da crise econômica de 2008 nos países desenvolvidos, onde residia a maioria de retornados, segundo o censo de 2010. A tese de Fernandes (2014) revela este fenômeno entre decasségus retornados do Japão para o Pará, na década de 2000.

## DESAFIOS DE PESQUISA

O exposto permite identificar assuntos que poderão orientar e estimular novas pesquisas e dar subsídios para possíveis políticas migratórias na região, entre os quais se destacam (ARAGÓN, 2014):

- 1) A síndrome do *brain drain*, que tanto assola a Guiana e o Suriname, mas que é uma realidade comum aos países em desenvolvimento e que tem se aprofundado como consequência da globalização, é um assunto que merece atenção especial na Amazônia.
- 2) A feminização da migração internacional é cada vez mais intensa, o que tem levado a redefinir relações de gênero e empoderamento das mulheres, migrantes e “ficantes”. Pesquisas nesta área são necessárias na Amazônia.
- 3) Aponta-se que a migração internacional contemporânea na Amazônia vem acompanhada de processos ilícitos como tráfico de drogas e de seres humanos, redes de prostituição, contrabando e até tráfico de armas, que precisam ser melhor conhecidos e tratados.
- 4) O fenômeno dos *desplazados* colombianos nos países vizinhos, especialmente na Amazônia, é um assunto que merece especial atenção pela dimensão do processo, pelas consequências sociais e de saúde dos sujeitos envolvidos. Diversos interrogantes se formulam sobre o futuro da Amazônia colombiana pós-conflito a partir dos acordos firmados em 2016 entre o governo colombiano e as FARC.
- 5) O tema das remessas está tomando enorme importância na pesquisa sobre migração internacional pelo que elas significam para o PIB nacional e para a renda das famílias dos migrantes. Vale, portanto, perguntar o que representam as remessas para a economia e para a sociedade na Amazônia, e que medidas seriam necessárias para melhor aproveitá-las como insumos para o desenvolvimento regional.
- 6) Os estudos que tratam da migração para a Guiana Francesa limitam-se, em sua maioria, a considerar a presença de estrangeiros (brasileiros, principalmente) nos garimpos, mas o problema é muito mais abrangente e demanda estudos mais aprofundados. A Guiana Francesa converteu-se relativamente no foco mais dinâmico de imigração internacional em toda a Amazônia, não somente pela febre do ouro, mas pela sua condição de ser um território europeu na Amazônia, o que garante benefícios sociais e econômicos diferenciados em relação ao resto da Amazônia.
- 7) Apesar do centralismo ambiental que domina hoje as discussões sobre a Amazônia, as relações entre meio ambiente e migração são muito pouco tratadas. São necessários e urgentes estudos sistemáticos que avaliem, por exemplo, o impacto ambiental da migração nas áreas de exploração mineral, na propagação de doenças e no desmatamento, entre outros.
- 8) A migração de haitianos e venezuelanos na Amazônia merece atenção especial dadas as condições sociais, culturais e econômicas em que ocorre e suas implicações para a formulação de políticas de migração na região.

- 9) Estudos sobre a mobilidade transfronteiriça estão apenas começando. É um assunto que merece especial atenção.
- 10) A migração de retorno está tornando-se um assunto de extrema importância pela sua relação com as crises econômicas dos países desenvolvidos, mas na Amazônia é um assunto praticamente desconhecido que merece ser estudado em profundidade.
- 11) Os censos, apesar de suas limitações, têm muito a mostrar em questões relacionadas à migração internacional, incluindo aspectos referentes à seletividade migratória, à migração de retorno e às mudanças de padrões ao longo dos anos, entre outros assuntos. Dados disponíveis nesses censos permanecem pouco explorados nos estudos da migração internacional na Pan-Amazônia.

## CONCLUSÕES

As notícias do dia a dia revelam a importância da migração internacional no mundo inteiro e suas implicações para a geopolítica. A Amazônia está cada vez mais envolvida nessa problemática, como foi revelado pela revisão de literatura realizada ao longo deste *paper*.

Em nível global, o Instituto das Migrações Internacionais da Universidade de Oxford lança a seguinte previsão (IMI, 2006, p. 13):

O declínio mundial das taxas de natalidade poderá vir a colocar em questão a hipótese de existência de um viveiro inesgotável de migrantes laborais, prontos a deslocar-se para os países industrializados, com vista a prover as necessidades econômicas. À medida que os países forem avançando na transição demográfica, as suas taxas de dependência aumentarão nos próximos decênios. A médio e longo prazos, uma concorrência acrescida no acesso a mão-de-obra poderá transformar radicalmente as migrações mundiais e as respostas políticas de maneira dificilmente imaginável. Por exemplo, a baixa taxa de natalidade da China, novo gigante industrializado, poderia criar um déficit de mão-de-obra importante, e, a mais longo prazo, déficits similares poderiam emergir em outras regiões clássicas de emigração como o Norte da África e a América Latina, onde as taxas de natalidade tiveram um rápido decréscimo.

Tratar a migração como um sistema complexo que não se reduz simplesmente a migrantes, a países de origem e destino ou a fatores de atração e repulsão demanda novas interpretações – e que todas as dimensões sejam contempladas (MARTINE, 2005). E esse sistema adquire contornos específicos conforme a história, o ambiente e a escala onde ele ocorre. Na Amazônia, os padrões e as tendências discutidas aqui se tornarão mais dinâmicos e complexos no andamento de políticas de desenvolvimento e na busca da integração regional e econômica. Aceitar a migração internacional como um fenômeno necessário e inevitável do processo de globalização requer uma melhor gestão e não somente medidas de controle (HILY, 2003).

Na previsão da CEPAL (2002, p. 267):

Em matéria de políticas públicas sobre migração, a globalização tornará cada vez mais necessário o trânsito do controle migratório para a gestão migratória num sentido amplo, o que não significa que os Estados abandonem sua atribuição de regulamentar a entrada de estrangeiros e acautelar suas condições de radicação, mas que aceitem formular políticas razoáveis de admissão, que contemplem a permanência, o retorno, a reunificação familiar, a revinculação, o trânsito fronteiriço e o traslado de indivíduos a outros países.

Aqui se identificou somente a complexidade do fenômeno da migração internacional contemporânea na Pan-Amazônia em suas diversas dimensões. É a ponta do iceberg, uma radiografia incompleta que precisa ser pesquisada profundamente e debatida intensamente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio. *Marca Amazônia: uma promessa publicitária para fidelização de consumidores nos mercados globais*. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Populações da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2005.

ARAGÓN, Luis E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*. São Paulo: Hucitec, 2013.

ARAGÓN, Luis E. Aproximação ao estudo da migração internacional na Pan-Amazônia. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 11-37.

ARAGÓN, Luis E. Migração internacional na Pan-Amazônia: o que dizem os censos. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 15-59.

ARAGÓN, Luis E. Para uma agenda de pesquisa sobre as migrações internacionais na Amazônia. *Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, n. 1067, 2014.

BAINES, Stephen G. Identidades indígenas e nacionais entre dois Estados nacionais: os Macuxis e Wapichana na fronteira Brasil-Guiana. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.) *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 93-119.

BARRA, Jamilly Vanessa. *Migração internacional de retorno na Amazônia brasileira*. 2015. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

BORGES, Fábio; DOMINGUES, Vitor Alves. Geopolítica da Amazônia no início do século XXI: drogas, infraestrutura e conflitos indígenas. In: ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro M. (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 55-79.

BYNOE, Paulette; BRISTOL, Marlon. The impact of human capital flight in Guyana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 255-260.

CARMO, Roberto Luiz do; JAKOB, Alberto Augusto Eichman. A migração estrangeira recente na Amazônia Legal brasileira. In: Aragón, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 205-219.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano 21, n. 41, p. 21-54, 2013.

CASTRO, Edna. Política nacional de infraestrutura para a Amazônia: Renovação de práticas coloniais e desenvolvimentistas. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Org.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA Editora, 2016, p. 241-256.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sônia. El retorno desde una perspectiva transnacional. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano 21, n. 41, p. 9-20, 2013.

CEPAL. *Globalização e desenvolvimento*. Relatório da 29 Sessão. Brasília, 2002.

CORBIN, Hisakhana; ARAGÓN, Luis E. Imigração e garimpo, emigração e remessas: dois pilares da economia da Guiana. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 8, n. 2, p. 66-88, 2015.

CORBIN, Hisakhana. Guyanese migration and remittances to Guyana: a case study of their potential and challenges for Guyana's economy. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012a.

CORBIN, Hisakhana. *Migração de brasileiros para a Guiana como estratégia de sobrevivência*. Belém: NAEA, 2012b.

CORBIN, Hisakhana. Migração internacional e desenvolvimento: o caso da Guiana. In: Aragón, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 163-184.

CRUZ, Alberto. *Pueblos originários en América: guía introductoria de su situación*. Pamplona: Aldea Alternatiba Desarrollo, 2010.

DOUROJEANNI, Marc; BARANDIARÁN, Alberto; DOUROJENNI, Diego. *Amazonia peruana en 2021: explotación de recursos naturales e infraestructura: ¿Qué está pasando?: ¿Qué es lo que significa para el futuro*. Lima: PróNaturaleza, 2009.



FAULHABER, Priscila. A dinâmica ticuna e as fronteiras. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 104-119.

FERNANDES, José Augusto Lacerda. “*Eu voltei, agora pra ficar*”: um estudo sobre as estratégias empreendedoras adotadas por dekasseguis retornados no estado do Pará. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

FREITEZ, Anitza. El Amazonas venezolano: un espacio para la transformación y la reemergencia de enfermedades. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *População e meio ambiente na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2007. p. 237-252.

FREITEZ, Anitza. Población de la Amazonía venezolana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Populações da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2005. p. 75-101.

FUSCO, Wilson; SOUCHAUD, Sylvain. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. *Confins*, n. 9, p. 2010.

GALLARDO LEÓN, Claudio; PÉREZ MOGOLLÓN, Francisco; CAICEDO, Gabriela Arellano. Migración internacional en la Amazonia, Ecuador. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 115-144.

GARCIA, Ricardo Alexandre; SOARES, Weber. Migração internacional de retorno ao Brasil: efeitos diretos e indiretos, 2006. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2006/D06A067.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A067.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GUTIÉRREZ REY, Franz; COSTA MUÑOZ, Luis Eduardo; SALAZAR CARDONA, Carlos Ariel. *Perfiles urbanos en la Amazonia colombiana: un enfoque para el desarrollo sostenible*. Bogotá: Instituto Sinchi, 2004.

HILY, Marie-Antoniette. As migrações contemporâneas: dos Estados e dos homens. In: *Anais do Seminário Cultura e Tolerância*. São Paulo, nov. 2003.

HOOGBERGEN, Wim; KRUITF, Dirk. Gold, garimpeiros and maroons: brazilian migrants and ethnic relationships in post-war Suriname. *Caribbean Studies*, v. 32, n. 2, p. 3-44, 2004.

IMI – International Migration Institute. *Para uma nova agenda de investigação sobre as migrações internacionais*. University of Oxford, 2006. Disponível em: <[www.imi.ox.ac.uk/pdfs/IMI](http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/IMI)>. Acesso em: 15 jan. 2004.

IOM – International Organization for Migration. *Global migration trends factsheet*. Disponível em: <<http://gmdac.iom.int/global-migration-trends-factsheet>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

JAKOB, Alberto Augusto Eichman. Migração e concentração espacial da população na Amazônia brasileira pós 2000. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração interna na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2013. p. 119-139.

JAKOB, Alberto Augusto Eichman. Mobilidade populacional na Amazônia brasileira. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 123-139.

JUBITHANA-FERNAND, Andrea. Internal migration in Suriname, 2000-2009. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração interna na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2013. p. 95-110.

JUBITHANA-FERNAND, Andrea. International migration in Suriname. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 185-204.

LIMACHI HUALLPA, Luis. Procesos migratórios en la Amazonia peruana: una mirada a las migraciones internacionales. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 97-113.

LIRA, Jonatha Rodrigo de Oliveira; QUIROGA, Daniel Esteban. Migração internacional na Amazônia brasileira no Censo Demográfico de 2010. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 19, n. 2, p. 139-158, 2016.

LOBO, Carlos; STEFANI, João; SOUSA, Guilherme. Migração na América do Sul: territorialidades e espacialidades da imigração sul-americana no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES DA ABEP, 4., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABEP, 2005.

MAMED, Letícia Helena. Haitianos na Amazônia: a morfologia da imigração haitiana pelo Acre e o horizonte de inserção precarizada no Brasil. *Ruris*, v. 19, n. 1, p. 73-111, 2016.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 3-22, 2005.

MARTÍNEZ MONTAÑO, José Antonio. Laberintos de la Amazonia: extractivismo vs. economías no consuntivas. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 191-225.

MARTÍNEZ MONTAÑO, José Antonio. Población transfronteriza: el M. A. P. una experiencia recuperable para la Pan-Amazonia. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração interna na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2013. p. 57-77.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Dos fluxos da esperança à precária realidade da migração brasileira para as áreas de garimpo na Guiana e Suriname. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 189-220.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Um olhar sobre as redes de prostituição e tráfico de mulheres na fronteira Brasil-

Venezuela a partir das rodovias BR-174 e Troncal 10. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10., 2008, Barcelona. *Anais...* Barcelona, 2008.

PALACIO, Germán; WAKILD, Emily. Amazonia cambia con el mundo: elementos para comprender Amazonia contemporánea. In: ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro M. (Orgs). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 13-35.

PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana. Mobilidade espacial da população no Mercosul, metrópoles e fronteira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, n. 60, p. 83-181, 2006.

PINTO, Aline Rafaela Sena; AMIN, Mario Miguel; SILVA, Mayane Bento. Meio ambiente como questão de segurança: a ameaça de securitização da Amazônia. In: ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro M. (Orgs). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 37-54.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza. Por uma “sociologia da clandestinidade” no estudo da presença de brasileiros na Guiana Francesa. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 237-254.

PNUMA/OTCA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente/Organização do Tratado de Cooperação Amazônica. *Geo Amazônia: perspectivas do meio ambiente na Amazônia*. Brasília: PNUMA/OTCA, 2008.

RODRIGUES, Francilene dos Santos; VASCONCELOS, Iana Santos. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). *Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 221-257.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. Configuração migratória no lugar Guayana: uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 223-236.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 197-207, 2006.

RUIZ, Lucy. Procesos y políticas ambientales en la Amazonia ecuatoriana 2007-2015. In: ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro (Org.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 227-240.

SALAZAR CARDONA, Carlos Ariel. Movilidad poblacional en la frontera amazónica colombiana. In: ARAGÓN, Luis E.; SATEVIE, Pedro (Org.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 171-187.

SANDINO, Oscar. Migración internacional en la Amazonía colombiana. Aportes del censo de población 2005. In:

- ARAGÓN, Luis E. (Org.). *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 145-161.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, número especial, p. 1-34, jun. 2000.
- SERRA VEGA, José. Costos y beneficios del proyecto hidroeléctrico del río Inambari, Perú. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 257-274.
- SILVA, Sidney Antonio da. Migração internacional recente no Amazonas: o caso dos hispano-americanos. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 155-177, 2011.
- SIMÕES, Gustavo da Frota. A migração venezuelana para o estado de Roraima: números e desafios no acolhimento. In: SEMINÁRIO PAN-AMAZÔNICO DE PROTEÇÃO SOCIAL, 2017, Belém. *Anais eletrônicos...* Belém: UFRR, 2017. Disponível em: <<https://www.org.br/wp-content/uploads/2017/04/Gustavo-da-Frota-Sim%C3%B5es-UFRR-Semin%C3%A1rio-Pan-Amaz%C3%B4nico.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- SIQUEIRA, Sueli. Análise comparativa do retorno de brasileiros dos EUA e Portugal. *Revista Migrações*, v.5, p. 135-154, 2009.
- SIQUEIRA, Sueli. Emigração e retorno na perspectiva de gênero. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais eletrônicos...* Porto Seguro, BA: APA, 2008.
- SIQUEIRA, Sueli. Emigração, crise econômica e retorno à terra natal. *Revista de Economia Política e História Econômica*, v. 7, p. 5-25, 2010.
- SIQUEIRA, Sueli. *Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno*. Governador Valadares: Univale, 2007.
- SODRÉ, Danilo Ferreira. *Migração internacional de retorno na Amazônia brasileira, 2000-2010*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- TOLEDO, Marcelo; VERPA, Danilo. Explode pedido de refúgio de venezuelanos em Roraima. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 01 abr. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1871807-explode-pedido-de-refugio-de-venezuelanos-em-roraima.shtml>>. Acesso em: 29 abr. 2017.
- VARGAS BONILLA, Melvy Aidee. Bolivia: la migración en los municipios de frontera del área de la Amazonía boliviana. In: ARAGÓN, Luis E.; STEAVIE, Pedro (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2016. p. 141-153.
- VARGAS BONILLA, Melvy Aidee. Inmigración internacional de países amazónicos: el caso de Bolivia. In: ARAGÓN,

Luis E. (Org.) *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 61-95.

VARGAS BONILLA, Melvy Aidee. Migración y expansión agrícola en la Amazonía boliviana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.) *População e meio ambiente na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2007. p. 201-216.